

edna lott falando francamente

TUDO AZUL

texto de rosa cass
fotos de fernando abrunhosa

dona Edna Lott de Moraes Costa desatou num choro manso, as lágrimas correndo pelo rosto, quando lhe foi perguntado se o Marechal Teixeira Lott é um avô afetuoso. A explicação veio em seguida, através da história de Laurita, sua primeira filha, morta aos sete anos. Enxugando os olhos e refazendo a pintura, D. Edna contou:

— Papai adorava a neta e lhe fazia quase todas as vontades, mesmo contrariando, às vezes, minhas ordens. Minha filha gostava muito de calçar sapatos novos. Mas isso, evidentemente, não podia acontecer com a frequência que ela desejava. Insistia, entretanto. Uma vez, depois de rogar que eu lhe comprasse novos sapatinhos, e como eu recusasse, dirigiu-se ao avô, fazendo o mesmo pedido. Meu pai, que para ele não comprava nem uma gravata (minha mãe é que fazia suas compras), não hesitou. Tomou a mão de Laurita e dirigiram-se os dois a uma sapataria, voltando a menina triunfante com seus sapatinhos novos. De outra feita, Laurita cismou de passear na chuva, e pediu ao avô. Foi só o tempo de papai vestir a capa, apanhar o guarda-chuva e colocar a menina no colo. Lá se foram eles, com Laurita feliz da vida. A morte de minha filha deixou papai muito abalado, especialmente porque a doença manifestou-se quando ela estava em companhia dele, em S. Paulo. Depois disso, embora continue interessado e afetuoso, nunca mais se ligou estreitamente aos netos. Contudo, é bastante dedicado, ficando particularmente orgulhoso quando recebe notícias sobre o bom aproveitamento escolar das crianças.

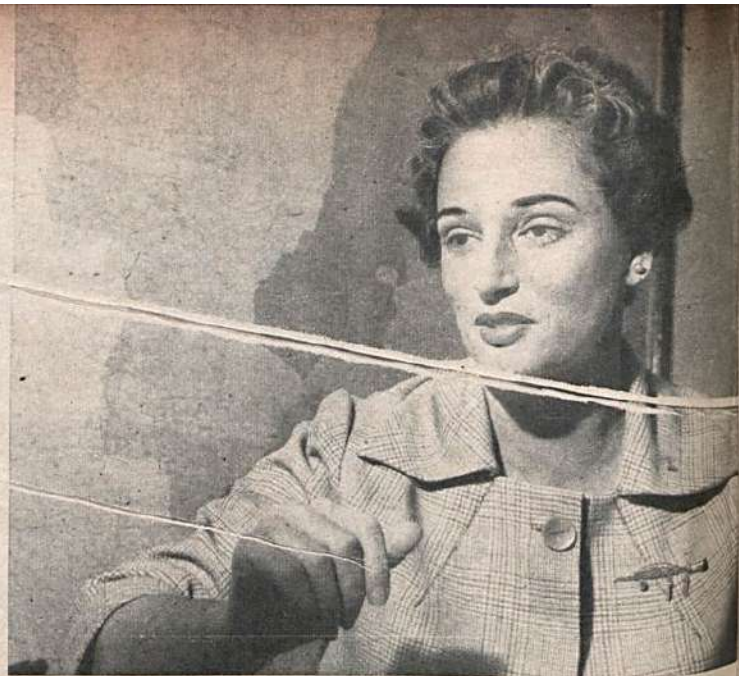
Dona Edna aconteceu no cenário político nacional de forma quase inesperada, logo lançada a candidatura de seu pai à Presidência da República. Seu trabalho foi ganhando importância e, atualmente, ela viaja o Brasil de ponta a ponta, falando em praça pública e fazendo discursos no rádio e na televisão. Buscou na luta política a superação de uma dor intensa (perdeu o marido, não faz muito tempo), encontrando na vida pública a possibilidade de tornar-se útil a um número muito maior de pessoas. Possui uma coragem ativa. Tem medo de morrer em desastre de aviação, mas embarca assim mesmo, impondo, entretanto, uma condição: em caso de acidente, irradiarem os discursos que já gravou em benefício da candidatura do Marechal Lott. A razão é a seguinte: “Mesmo depois de morta, ainda quero estar viva para trabalhar em favor de meu pai.”

E D. Edna trabalha muito. Antes da campanha, funcionava como professora do Instituto de Educação e do Colégio Pedro II. Terminou o curso de Geografia e História na antiga Universidade do Distrito Federal (sempre nos primeiros lugares, como o pai) e pertenceu à última turma a ser nomeada diretamente para os quadros do magistério secundário da ex-Prefeitura. Nem por isso deixava de dirigir sua casa ou de cuidar bem dos filhos. Pelo contrário, várias vezes fez serviços domésticos numa emergência qualquer.

Quanto ao marido e aos filhos, sempre foi boa companheira para o primeiro (ainda se comove quando fala no Major Oscar Moraes Costa) e excelente explicadora para os meninos. A exemplo do Marechal, que a orientou nos exames de admissão ao Instituto de Educação (naquela época, a situação econômica dos Lott não permitia a contratação de professores particulares), D. Edna ajudava os filhos — três meninos e uma menina — nos estudos.

SEGUE





É de tal maneira variável o jôgo de expressões fisionômicas da filha do Marechal Henrique Teixeira Lott, tão rico e tão marcante, que não se resiste à

edna lott

eloquência serve para convencer

Atualmente, só se dedica à campanha presidencial. No próprio interesse da campanha, teve de ocupar tôdas as suas horas, viajando o País inteiro, dando apenas rápidas chegadas ao Rio, para visitas à família e para tomar contato com os correligionários. Praticamente, deixou de ser dona-de-casa e quase não tem tempo para os filhos. Mas informa:

— Meus filhos compreendem meu trabalho e, de certa maneira, sabem receber bem minhas ausências prolongadas. Aliás, não estão sôzinhos, e acredito que se sintam bastante apoiados, pois, além da família, tenho excelentes amigas, que muito me ajudam nesse particular. A esposa do Cel. Kardeck (meu assessor) e a senhora do Cel. Montenegro são ótimas e muito prestativas.

POBRES MENOS POBRES E RICOS MENOS RICOS

D. Edna procura informar-se a respeito das realidades do País. Os problemas complexos com que se tem defrontado trouxeram a necessidade de aprofundar seus estudos de economia e sociologia, pois era imperioso conseguir e equacionar soluções. Conforme declarou, deseja, com a vitória do Marechal, especialmente o desenvolvimento econômico do Brasil e uma justiça social verdadeira. Explica seu ponto de vista:

— No ideal de justiça social, não basta que o ente humano seja apenas levado em conta. É imperioso que êle seja o próprio motivo dessa justiça social. Não desejamos revoluções nem pretendemos que as classes

sociais desapareçam, mas, sim, que diminua a distância entre elas, que a diferença entre poucos ricos e muitos pobres não seja tão gritante. Achamos que o pobre, como ser humano que é, tem direito a um mínimo razoável, que possa alimentar-se, vestir-se, tratar da saúde e proporcionar à família sustento e educação. Isso nada tem que ver com o comunismo, como pessoas de má-fé desejam fazer acreditar. A medida que o País se desenvolve e o povo se liberta da miséria e da ignorância, nós nos aproximamos desse ideal, pois, conforme disse Rui Barbosa, "a miséria gera a ignorância, mas a ignorância eterniza a miséria".

D. Edna é positiva em suas opiniões e não as esconde, mesmo quando fala à imprensa oposicionista. Tem sido muito entrevistada e, ultimamente, aconteceu nas páginas da edição latino-americana do "Time", importante revista norte-americana, que apresenta uma tiragem de milhões de exemplares.

Não se esqueça as perguntas de natureza mais direta. Perguntada se, semelhantemente a Alcira Vargas do Amaral Peixoto, que secretariou o Presidente Getúlio Vargas durante muito tempo, ela pretendia assessorar o Marechal Lott (em caso de vitória), respondeu:

— Absolutamente. Caso vençam as tôrças nacionalistas que têm apoiado meu pai, êle irá residir em Brasília, de lá traçando as coordenadas do seu Governo e procurando atender aos reclamos do povo e às necessidades de nossa Pátria. Eu ficarei no Estado da Guanabara e continuarei lutando. Não desejo posições; quero apenas colaborar.

Com esta resposta, ela abrangeu também a pergunta que lhe fizemos sobre o porquê de sua não candidatura a nenhum cargo eletivo.



tentação de alinhar uma série de fotos suas. D.ª Edna tanto sabe ser veemente como demonstrar o seu bom-humor, num sorriso dos mais cativantes.

...ncer. simpatia serve para cativar.

SE O MARECHAL PERDER, NADA FARÁ DE ESPECIAL

Ela espera a vitória do Marechal, uma vez que, nos comícios em que tem discursado, sentiu a reação do povo favorável ao seu Partido. Não obstante, não se furta a dar sua opinião sobre o que fará o pai, em caso de derrota no pleito eleitoral de outubro.

— Acho que não fará nada de especial. Continuará sua vida calmamente, vivendo como sempre viveu. Talvez vá mais vezes para sua casa de Teresópolis.

Sente-se em D. Edna um temperamento enérgico e inquieto, com uma invulgar capacidade de trabalho. Faz questão de viver um dia de cada vez, embora não esqueça que "a vida é uma soma de dias". Esta informação foi dada à pergunta: "Pretende tornar a casar-se, mais tarde?" E, ampliando a informação.

— Não penso nisso nem deixo de pensar. Procuo viver apenas o dia de hoje, executar minhas tarefas de hoje. Depois, veremos.

Muito ligada ao pai, acha-o um homem da melhor qualidade e fala com grande ternura a seu respeito. Diz que ele foi sempre um pai exigente, amante dos horários certos à mesa, mas que sempre também brincou com os filhos, ensinando-os a nadar e remar. Revela que, embora exigente, o Marechal é compreensivo, carinhoso e paciente. Tão paciente, que ficava horas e horas, vagarosa e repetidamente, ensinando dois filhos pequenos a falar.

Nunca se omitiu nos problemas da família. Pelo contrário, em várias circunstâncias dolorosas por que passaram suas filhas (morte de entes queridos), deu sua presença constante e seu carinho contínuo. Segundo D. Edna, o Marechal gosta enormemente de música, não só do gênero

clássico, mas também do popular, especialmente do folclore de sua terra (Minas Gerais). Por causa dele, as filhas aprenderam a tocar piano, embora nenhuma continuasse os estudos nesse setor. O Marechal fazia blague, quando lhe perguntavam se alguma de suas filhas tocava bem:

— Meu genro (Major Oscar Morais Costa) é que toca harmônica.

Queria referir-se ao acordeão que o marido de D. Edna executava com acêrto.

É também a filha do Marechal Lott quem informa que ele sabia dançar, e dançar bem. Lembra até uma vez em que ela e o pai foram passar uns dias na fazenda da família e lá ele dançou muito com as primas e tias. D. Edna achou graça porque, relatando o fato à mãe, esta ficou com ciúmes.

Continuando suas recordações, informou que o Marechal tinha um traço muito simpático: orientava a educação dos filhos no sentido de que cada um aprendesse a tomar suas próprias decisões. E respeitava as decisões tomadas por eles. Talvez por isso ela respondeu com tanta preseteza a uma pergunta indiscreta: a senhora é criticada pelo seu aqodamento em política, por suas declarações em relação a figuras de gabarito nacional, o que evidenciaria divergências entre a senhora e seu pai. Será isto verdadeiro?

— De forma alguma. Meu pai e eu estamos estreitamente unidos, em relação ao progresso do Brasil. Comungamos os mesmos pensamentos e ambos, em nossos setores respectivos, o que desejamos é o bem do País. Apenas, meu pai e eu somos pessoas diferentes, e ele respeita minha maneira de ser e de falar. Esta é a verdade sobre o meu "aqodamento" e as nossas pretensas divergências. Não existem divergências. Só a má-fé pode explicar que digam o contrário.